

## AS CORRESPONDÊNCIAS DO JOVEM NIETZSCHE: INDICATIVO DE UMA EDUCAÇÃO PELA ARTE

Enock da Silva Peixoto\*

**Resumo:** *As correspondências de Nietzsche e a educação em Assim falou Zaratustra: um processo de educação-estética* é o título da tese de doutorado na qual analisamos a relação entre arte e educação na filosofia de Nietzsche, a partir de suas cartas. O presente trabalho, com modificações, é constituído por um fragmento daquele texto e trata apenas da fase juvenil da vida do autor. Avaliaremos como o filósofo direciona as questões relacionadas à arte e à educação desde a sua tenra idade, perspectiva que no nosso entendimento foi um marco significativo para a construção posterior de suas mais relevantes teses filosóficas.

**Palavras-chave:** Educação; arte; juventude; singularidade; natureza.

## AS CORRESPONDENCIAS DEL JOVEN NIETZSCHE: INDICATIVO DE LA EDUCACIÓN POR EL ARTE

**Abstracto:** *Las correspondencias y la educación de Nietzsche en Así habló Zaratustra: un proceso estético-educativo* es el título de la tesis doctoral en la que analizamos la relación entre arte y educación en la filosofía de Nietzsche, a partir de sus cartas. El presente trabajo, con modificaciones, consiste en un fragmento de ese texto y se ocupa únicamente de la etapa juvenil de la vida del autor. Evaluaremos cómo el filósofo aborda temas relacionados con el arte y la educación desde su temprana edad, noción que a nuestro entender supuso un hito significativo para la posterior construcción de sus tesis filosóficas más relevantes.

**Palabras-clave:** Educación; arte; juventude; singularidade; naturaleza.

### *1.1 O estilo na escrita e a simbiose entre pensamento e natureza, modos de aproximar educação e arte*

Nas cartas<sup>353</sup> iniciais que correspondem àquelas trocadas entre Nietzsche, os seus parentes mais próximos e amigos, podemos encontrar um processo de educação

---

\* Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ; doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; mestre em educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO; professor de Filosofia da rede de ensino do Estado da Bahia. Email: enockpeixoto@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2279553891899830>.

movida pela arte? E mais, como a nossa hipótese é de que há um processo educativo, perpassado pela dimensão estética; nas missivas do pensador, é possível detectar já na fase inicial da sua produção uma preparação que possibilitasse o nascimento posterior de seus conceitos principais?

Parece correto suster que Nietzsche percorreu um longo caminho pela arte que possibilita a constituição da singularidade humana. Singularidade para ele está diametralmente distante da noção de rebanho, de vida gregária, quando se utiliza a educação para massificar os comportamentos, não conduzindo os indivíduos a valorizar a particularidade: “mas antes como membro de uma totalidade, como sinal de uma maioria.”<sup>354</sup>

Desde os primeiros livros, quando como em *Schopenhauer como educador*, ele valoriza o aspecto único de cada ser humano denunciando o domínio da opinião corrente instigando a - *ser tu mesmo* -, até a maturidade quando Zaratustra é o protótipo de educador que foge da praça de mercado, o lugar de comportamentos massificados para estabelecer um percurso próprio;<sup>355</sup> na fase madura, *tornar-se aquilo que se é*,<sup>356</sup> ou seja, o percurso ininterrupto na busca daquilo que é mais próprio passa a ser o mote principal da educação em Nietzsche. Essa noção de singularidade está presente também

---

<sup>353</sup> Utilizaremos como fonte principal para esta análise das cartas a seguinte tradução: *Correspondencias I: Junio 1850 – Abril 1869. Traducción, introducción, notas y apéndices de Luis Enrique de Santiago Guervós, Editorial Trotta, Madrid, 2005. As notas e citações seguirão a organização estabelecida pelos supramencionados tradutores. Conforme Luis Enrique de Santiago Guervós (2005, p.15), tradutor do presente volume para a língua espanhola, “Como Correspondência de Nietzsche os editores incluem, além das cartas, também cartões postais, telegramas, dedicatórias, comunicações em cartões, rascunhos, planos de cartas, esquemas: tudo aquilo de um modo efetivo está relacionado a um meio de comunicação escrita dirigida a um destinatário específico”.*

<sup>354</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Política*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio, vol. 1, 2007, p. 76.

<sup>355</sup> Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 2011, prólogo.

<sup>356</sup> Entendemos que o termo “singularidade” compreende como sinônimos de: “ser tu mesmo”, “si próprio”, “único”, “idêntico a si mesmo”, os quais, conforme Larrosa aparece em diversos momentos da obra nietzschiana, sendo similares à expressão *tornar-se o que se é*<sup>356</sup> (Cf. LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*, Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 42). Esse último termo “nada tem a ver com o saber, o poder e a vontade como atributos de um sujeito que sabe o que quer; é, ao contrário, um desprender-se de si, uma coragem para lançar-se no sentido do proibido, uma travessia [...]” (DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 130).

nas cartas e demonstraremos no decorrer deste texto, além disto, podemos enxergar essas correspondências a partir de várias lentes, de vários focos de análise. A lente pela qual as examinaremos será, sobretudo, pelo viés artístico e a íntima familiaridade que a questão estética tem, para Nietzsche, com a formação humana. Analisaremos as primeiras correspondências nas quais se relata o período quando o filósofo fazia o estudo ginásial em Pforta. Ressalvemos a formação clássica de altíssimo nível que recebeu como um dos importantes aspectos de sua personalidade e base para o seu modo peculiar de se relacionar com o conhecimento.

Desde este período, a preocupação com questões filosóficas fundamentais, como o problema da liberdade, de antemão se faz presente:<sup>357</sup> “Sobre a liberdade divina e humana. Talvez você também encontre uma hora de vez em quando para refletir e escrever sobre isto. A liberdade é um dos problemas mais importantes. É suficiente que você faça estas perguntas: o que é liberdade? Quem é livre? O que é livre arbítrio?” (carta 62). Nietzsche, no extrato na correspondência acima, se preocupa com duas questões centrais sempre presentes em sua vida, a questão filosófica, manifestando a relevância do problema da liberdade e o valor da reflexão e da escrita; propõe um tema de estudo para o amigo Wilhelm Pinder sobre a extrema significância destes atos, termina chamando a atenção para que o colega pense e escreva com frequência. Essas duas ações, indicadas como algo essencial são para ele uma *atividade*, integradas à vida. Na mesma carta, o filósofo pede ao amigo as obras de Franz von Gaudy, oficial prussiano, autor de diários de viagens e novelas, pois ele os leu e lhe causaram fascínio, sobretudo o estilo e “espírito deslumbrante” do autor.

Desde muito cedo, Nietzsche tinha preocupação com leituras contributivas com o seu estilo de escrita, além disto, a carta coloca em pauta o problema da liberdade como um dos centrais para o ser humano. Embora não haja um aprofundamento

---

<sup>357</sup> O tema da liberdade não é sistematizado nos textos de Nietzsche, mas aparece de maneira esparsa em sua obra. Conforme Miguel Angel de Barrenechea, referindo-se à fase madura da filosofia do pensador em questão, os temas da liberdade e da necessidade aparecem atrelados à doutrina do *eterno retorno*, no processo de aceitação do destino: “A aceitação livre da necessidade transforma todas as nossas decisões, muda a perspectiva da nossa vontade, tornando qualquer constrição leveza” (BARRENECHEA, M. A. de. *Nietzsche e a Liberdade*, 7 Letras, Rio de Janeiro, 2008, p. 119). Conforme estamos atestando pelas cartas, a liberdade, que começa a ser analisada na vida juvenil de Nietzsche, será aprofundada, sobretudo, na maturidade, conforme a avaliação do comentador em destaque, ganhando contornos mais precisos, associados à aceitação plena da existência com tudo o que ela oferece.

metodológico sobre a questão no momento, destacamos a ocupação com temáticas filosóficas fundamentais que nortearão a sua reflexão posterior. Ressaltemos a relação entre escrita e leitura; o estilo devia estar associado aos estudos que contribuía, por causa de sua característica estética, para o avanço como autor. Para Maria Helena Lisboa, “[...] a filosofia de Nietzsche se caracteriza por ser uma filosofia capaz de libertar a potência criativa do pensamento, subvertendo os modos de expressão filosóficos e científicos até então concebidos, trazendo para esses discursos o aforismo e o poema.”<sup>358</sup> Então, não basta escrever, é necessário que a escrita seja elaborada com estilo, que seja singular; e estilo para Nietzsche está associado a um modo artístico de redigir. Nietzsche não pretendia ser um poeta no sentido estrito, é notório o seu esforço em ser reconhecido como filósofo, mas certamente ele buscou, desde as primeiras obras, estabelecer uma rítmica das palavras que aproximassem a filosofia da arte. A sua escrita tinha um embate com a semântica filosófica tradicional, demasiadamente pautada no discurso lógico-racional.

Segundo Peter Sloterdijk, o filósofo “foi uma catástrofe que irrompe na história da linguagem”<sup>359</sup> Nietzsche em sua obra da maturidade, *Ecce Homo*, defende a ideia do pensamento como *arte do estilo*, no entanto, esta foi uma preocupação constante. Desde *O nascimento da tragédia*, perpassando pelo ensaio *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* onde há o embate com um modelo de linguagem dominada pelo racionalismo; no qual a poesia é diminuta em relação à dialética e à lógica se sobrepõe ao aspecto artístico. Na última obra citada o autor aborda a escrita como *grande estilo* que conduz ao *mais alto sentimento de poder*. É a comunicação de uma linguagem que transmite não somente uma interpretação racional sobre os acontecimentos, mas emerge de um corpo em constante embate com as diversas forças pulsionais que o movem. A escrita precisa revelar esta potência e, neste sentido, há uma proximidade entre estilo e natureza.

O estilo está associado à arte na medida em que está próximo da vida. Nas cartas este cuidado aparece constantemente, como na missiva de 1881 a Franz

---

<sup>358</sup> CUNHA, Maria Helena Lisboa da. *Nietzsche espírito artístico*. Londrina: Cefil, 2003, p. 3.

<sup>359</sup> SLOTERDIJK, Peter. *O quinto "evangelho" de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, p. 10.

Overbeck. Nela o filósofo se recusa a participar um texto seu a uma revista, por não ver sentido nesta ação. Sobre esta questão, comenta Clara Savelli: “O que se percebe, então, é que além do ofício da escrita ser doloroso e desgastante para Nietzsche, ele não era um padrão que pode ser repetido de forma mecânica.”<sup>360</sup> Desse modo, redigir sobre um tema específico e pré-determinado, que não emergisse dos sentimentos e vivências mais íntimas parecia um equívoco e uma submissão ao modo prevaiente de compreender a pesquisa e a escrita dominante na tradição filosófica.

No decorrer dessas correspondências da vida púbere de Nietzsche, ele faz alusão constante a aproximações com a natureza, algo que ocorrerá em várias missivas durante toda a sua existência e nos livros publicados como em *Assim falou Zaratustra* e *Ecce homo*, por exemplo. Mas nas cartas essa relação irrompe com mais evidência. São inúmeras as redações nas quais essa aproximação entre pensamento e natureza acontece, entretanto, emerge sempre apontando para a força, a potência, a superação, pois é assim que o filósofo compreende o mundo natural.

As análises elaboradas com mais decisão no futuro, aqui, nas primeiras correspondências, aparecem condensadas: “Atrevido e sério brilha o herói na tempestade que o ameaça, rindo, mira abaixo os prados primaveris, mas em uma estação como a primavera prova estas forças. É feliz quem na felicidade e na infelicidade permanece sempre o mesmo!” (carta 83). Por influência das leituras que realizava naquele momento, sobretudo sobre os heróis gregos, acentua-se a postura ativa com que o herói enfrenta a vida. A estação como a primavera traz brilho, revigoramento, deslumbramento das forças vitais da natureza. Na tempestade o ser humano se depara com o momento de transformação representado pelas mutações primaveris. No entanto, a primavera irá sucumbir novamente e toda a sua exuberância, sobretudo no inverno intenso da Europa do século XIX, terá um desfecho que parecerá como um fim, logo, parece não ser uma celebração da esperança, como aquela deixada na caixa de Pandora. Não é a certeza de que a primavera retornará aquilo que deve motivar o herói a continuar vivendo, mas tanto na desgraça, como na felicidade se deve permanecer igual.

---

<sup>360</sup> SAVELLI, Clara. *Nietzsche, Escritor. In: Nietzsche e as Cartas*. Org: Marina Gomes de Oliveira, Rosa Maria Dias, 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019, p. 65.

Esta é a altivez que podia fazê-lo feliz. Nietzsche envia esta pequena carta em razão do aniversário de sua irmã. Certamente, as suas palavras estão relacionadas ao nascimento e à celebração que se deve fazer diante dele, esse é de algum modo, assim como a primavera representa, um ressurgimento para a vida. Lembremos que o deus Dionísio<sup>361</sup>, um dos fios condutores da interpretação de Nietzsche sobre a tragédia grega<sup>362</sup>, é a divindade perseguida e destruída que para sobreviver precisava se transmutar em animais diversos; quando não mais consegue fugir, definha, mas renasce a cada primavera nas festas que celebram o nascimento, a vida, o sexo, a embriaguez. Sobre o tema, Miguel Angel de Barrenechea comenta: “O ciclo sempre se cumpre, após a hibernação, todas as forças naturais renascem com intensidade e vigor.”<sup>363</sup> Nietzsche veio posteriormente a traduzir filosoficamente a história de Dionísio, mas como vemos, já neste período inicial havia o germe de um pensamento que privilegiava, ao observar as forças da natureza, a percepção do *retorno constante* de todas as coisas. É evidente que não se trata de afirmar que o filósofo pensava no conceito da filosofia madura de *eterno retorno*, mas, parece não ser incorreto sustentar que desde a primeira juventude havia uma espécie de embrião que fomentou o desenvolvimento futuro desta concepção. Essa é uma das razões pelas quais consideramos importante, mesmo com a ausência de formulações filosóficas mais adensadas, debater as experiências da vida juvenil de Nietzsche expressa nas cartas.

Em várias outras missivas deste período, Nietzsche reverencia as festas natalinas e mostra o seu ainda intenso ardor religioso. Outro destaque importante desta correspondência (117) é que aparece pela primeira vez a alusão à sua saúde frágil, destaca-se a dor de cabeça que perseguirá o filósofo durante toda a vida. Este embate com a limitação física, com o qual ele travará luta constante buscando se autossuperar,

---

<sup>361</sup> Seguiremos nesta breve análise sobre a história do deus Dionísio o trabalho de Mario da Gama Kury. *Dicionário da filosofia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

<sup>362</sup> Barrenechea (2014) afirma que como gênero teatral a tragédia teria surgido no século VII a.C, na Grécia Arcaica. Figurava como um festejo, uma celebração sobre a alegria de existir e unia um ritual fúnebre e ao mesmo tempo o renascimento primaveril: “Nesses rituais, os prantos conviviam com gritos de júbilo, com libações etílicas e embriaguez, com excessos sexuais e orgias, nos quais eram quebrados até os limites do incesto” (Ibidem, p. 29).

<sup>363</sup> BARRENECHEA, Miguel Angel. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p. 32.

eis um dos aspectos fulcrais para se compreender a filosofia de Nietzsche, temática que nas cartas aparece de forma mais constante do que nas obras publicadas:

A última vez esperava me encontrar em melhor estado de saúde? Eu não queria nem preocupá-lo ou enganá-lo: a verdade é que eu não estava me sentindo bem, porque as constantes dores de cabeça haviam retornado novamente, mas graças às sangrias elas desapareceram completamente. Agora me sinto muito melhor; mas como não se poderia estar bem com a perspectiva e a expectativa da bela festa de Cristo?

O jovem filósofo esteve restrito às rígidas regras de uma escola interna, na qual pouco espaço para decisões próprias havia, com organização rígida, muito provavelmente segundo as regras dos mosteiros; isto era algo que o incomodava. Em outubro de 1864 o adolescente Nietzsche adentrou na Escola Provincial Real de Pforta, terminando esta fase do estudo, que corresponde no Brasil ao “ensino médio”. Curt Paul Janz se refere a esta escola fundada de uma abadia, em 1543, quando ainda mantinha normas severas e tinha como objetivo formar uma elite intelectual e moral. O autor cita um texto de 1853, no qual o Reitor detalha as características e objetivos da instituição:

[...] Desse modo, quantos aqui se formem, tomarão para si, no geral e para o resto de suas vidas, a marca de uma solidez hábil e capaz, não arbitrariamente buscada por seus educadores, mas sim nascida naturalmente, como uma necessidade interna do espírito viril, estrito e potente da disciplina, da sã convivência frente a um objetivo digno e bem delimitado, da seriedade em seus estudos clássicos e afins a estes, assim como do método mesmo destes estudos, indiferentes a qualquer possível distração cidadã. Uma marca, enfim, da qual se sentem orgulhosos, posto que a tomaram como sua com grande luta interior e não poucos esforços. Daí que seja injusto aferir o valor dos formandos de Pforta exclusivamente à luz de seus rendimentos científicos. Que os alunos de Pforta se convertam em homens de uma só peça, que sejam formados na obediência à lei e à vontade dos superiores, no rigor e no cumprimento inflexível do dever, no autodomínio, no trabalho sério, na espontaneidade alegre e auto-imposta por amor à coisa, na solidez e no método no estudo, na regularidade na ordenação do tempo, no tato seguro e na firmeza auto-consciente no trato com seus iguais, tudo isso são frutos da educação e da disciplina dessa casa<sup>364</sup>.

---

<sup>364</sup> Apud, JANZ, Paul Curt. *Friedrich Nietzsche*. 4 vols. Trad. Jacobo Muñoz. Madrid: Alianza, 1987, p. 59-60.

Na carta 151 à Francisca, Nietzsche em 30 de maio de 1860 acena para este aspecto: “Essa vida monótona e silenciosa é completamente diferente das atividades livres escolhidas por nós mesmos, eu já estou ansioso para as férias novamente.” O descontentamento com uma organização do tempo e da vida dirigidos de fora, no qual o indivíduo recebe as normas pré-estabelecidas precisando apenas se adaptar a elas, eis o incômodo de Nietzsche.

Não se trata de uma negação ao trabalho ordenado e duro, ao qual ele se submeteu desde sempre para produzir a sua obra, mas o modo servil como o homem é envolvido nessa relação temporal. Embora o pensador tenha passado por este período estudantil com competência e muito esforço, não deixara de manifestar o seu infortúnio com uma vida delineada por controladores externos que amortizavam as decisões próprias.

### *1.2 a arte musical como principal perspectiva educativa*

O trabalho de formular ideias com clareza, de enfrentar problemas teóricos complexos está remotamente presente nas preocupações de Nietzsche. Na carta 203, aos amigos Gustav Krug e Wilhelm Pinder, ele aborda a questão da teoria musical longamente e no final do texto preconiza continuar formulando suas teses acerca do tema. Isto mostra o interesse tenro em organizar concepções originais de mundo. Luis Enrique de Santiago Guervós comenta que mesmo antes de entrar na escola em Pforta. Nos anos iniciais da formação de Nietzsche na escola elementar de Naumburg, onde já entrou alfabetizado devido aos esforços da mãe, ele já recebia uma educação musical relevante: “Nessa mesma época, começa sua educação musical, da qual principalmente sua mãe se ocupa, e que encontra ao mesmo tempo estímulo no ambiente musical da casa de seu amigo Krug, na qual se reunia habitualmente um círculo seletivo de amigos da música.”<sup>365</sup> O filósofo, entre os anos de 1860 e 1861 teria se ocupado com um oratório natalino<sup>366</sup>, esta experiência lhe trouxera reflexões sobre este estilo musical e a ópera.

A decisiva influência musical na sua vida foi determinante na construção de seu percurso filosófico. Esta missiva é uma das fontes importantes nas cartas que

---

<sup>365</sup> GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. In: Friedrich Nietzsche, *Correspondências I*. Introdução, p. 19.

<sup>366</sup> *Ibidem*, conforme nota 330, p. 594.

contribuem para sustentar a nossa leitura de que há um processo de educação artístico na filosofia de Nietzsche, a música com toda certeza é um dos principais vetores dessa hipótese.

Continuando na missiva mencionada acima, o filósofo discorda da tese de que o oratório na música religiosa teria o mesmo lugar que a ópera na música profana. O oratório é uma música extremamente simples e que eleva, mas, numa visão estritamente religiosa, afirma Nietzsche. Os efeitos que a ópera produzia não eram os mesmos do oratório. A matéria musical é mais sensível e sublime e, em grande parte, compreensível e conhecida por todos, inclusive para os seres humanos incultos.

Nietzsche considera o gênero musical da ópera mais simples e capaz de atingir diretamente aos ouvintes tendo sobre eles um efeito imediato, elevado e por isso, a sua difusão deveria ser mais universal. Lamenta em seguida as razões dessa não universalidade do oratório, sugere que não se deve dividir a música em pequenos números de partes, mas em partes maiores: “que se unem à sucessão de eventos e que apresentam sem exceção, um caráter único.” Em segundo lugar, aponta para a desvantagem sobre a maneira como o oratório é tratado de modo artificial e arcaico, mais próprio de uma sala de estúdio que como nas igrejas e salas de concertos. O que torna a compreensão para os leigos em música mais difícil e talvez, até mesmo impossível.

É certo, assevera que uma obra dessas não pode e nem deve, desde a primeira audição ser examinada a fundo e nem reconhecida, mas apenas sentida. Um homem inculto também poderá perceber o sentido musical, sobretudo se for breve e vigoroso sem que ocorram mudanças bruscas de ritmos o que o torna dissonante e entediante. Mas o principal motivo da impopularidade da música de oratório é a sua dessacralização e mistura com elementos profanos. E a exigência capital delas é que em todas as partes estejam a *arca do sagrado e do divino*. É necessário que o oratório satisfaça três requisitos: ter em toda parte um caráter coerente e unitário: “penetrar profundamente o coração” e ser estritamente religioso, elevando o ânimo. Uma exigência que o filósofo considera necessária é eliminar o recitativo e encontrar um substituto:

É impossível cantar uma recitação que não é poética em absoluto, sem produzir uma impressão de ruptura e aborrecimento. Como uma substituição adequada, tampouco, se pode pensar em outra peça musical. Mas se o recitativo é absolutamente necessário, parece-me

que seria necessário que as palavras fossem pronunciadas, ao mesmo tempo, que a música de acompanhamento.

Esta carta é significativa devido a sua proximidade com o nosso tema. Destaquemos algumas questões. Primeiro, a valorização de uma linguagem musical que seja simples, levando até o mais inculto dos homens a compreendê-la. Curiosamente, embora neste momento Nietzsche ainda não conhecesse Schopenhauer, parece que está apontando para a música como linguagem do mundo, como expressão genuína da essência do real. Esta potência extrapola as técnicas musicais mais refinadas e todos podem, em alguma medida, absorvê-la.

Outra característica importante é o destaque ao comportamento dividido da época, que elaborava uma musicalidade também bipartida, sem condições de expressar pela arte uma unidade, um todo. A dessacralização de uma música cujas características religiosas são o seu principal aspecto, a retira de seu sentido genuíno. Eis outra crítica do filósofo, essa, certamente em função de uma ainda marcante inspiração religiosa e o questionamento da falta de coerência na linguagem musical, do equívoco de miscelâneas artísticas que retiram o aspecto específico de determinada obra. A preocupação de Nietzsche estava centrada na impopularidade do oratório, apesar do seu aspecto superior em relação à ópera, por esta última privilegiar a linguagem falada.

Notemos o esforço do filósofo em elaborar pensamentos musicais particulares; este é um dos seus primeiros textos mais longos, no qual arrisca pensar por si mesmo, certamente, influenciado pelas leituras que fazia; mas atentemos também que resulta de uma experiência real e singular. A sua participação em um oratório provocou nele tais reflexões e, ainda, uma das primeiras tentativas de formulação de interpretações singulares foi exatamente sobre a arte, no caso específico - a música - e o seu efeito objetivo sobre a vida. Não fora sobre grandes músicos ou conhecedores das técnicas musicais, mas o interesse em como esta manifestação estética pode atingir a totalidade dos homens.

No final de novembro de 1861, na carta 288, Nietzsche indica para a irmã obras musicais e literárias e demonstra o seu interesse por idiomas diferentes. Além das disciplinas formais de que o jovem estudante tinha que se ocupar, organizava estudos extras para aprofundar o seu conhecimento e formação; destaque-se que dentre o

processo de educação institucionalizada e aquela voltada para o interesse e necessidades próprias, figurava, sempre em primeiro lugar, a arte:

Eu escrevi um número discreto de livros e composições musicais e quero comunicar-te algo. Entre os últimos, por exemplo, me parece muito adequada para você uma obra de Schumann, o mesmo que a compôs “O vidro quebrado”. Trata-se simplesmente de sua *Lieder* mais bela: “Amor e vida de mulher” [...]. Quanto à música, eu gostaria de *El Paraisoe Peri* de Schumann, uma adaptação para piano solo. É algo que encanta a todos, portanto também a você. Depois, as obras poéticas de Shelley, traduzidas por Seybt [...]. No momento, eu estudo por minha conta italiano. Além disso, latim, grego e hebraico, onde lemos o primeiro livro de Moisés; alemão, onde lemos a Canção dos Nibelungos na língua original; francês, onde lemos o curso de Carlos XII, e em um pequeno grupo com três alunos, além de mim, *Athalie*; italiano, onde Dante é lido em um pequeno grupo [...].

O teatro também fez parte da formação básica do jovem Nietzsche, na carta 295, a Francisca e Elisabeth Nietzsche em fevereiro de 1862, ele cita a sua atuação no teatro escolar. Essas obras eram apresentadas no período do carnaval. Demonstra que, além da literatura e da música, largamente apresentados como percursos formativos, a expressão artística do teatro também esteve presente na vida do filósofo:

Finalmente decidimos nossas peças de teatro. Já se ensaia seriamente. São: *O sentinela noturno*, Körner, *O coronel de dezoito anos*, no qual eu interpreto o amante, um certo tenente Henry de Balçai, e finalmente, *Todos batem em frente da sua porta*, de Schneider. Aqui eu faço o papel de um procurador, um papel principal no qual entre outras coisas, eu bebo em cena.

As citações imediatamente acima estão entre aquelas que autorizam a aproximar arte e formação em um sentido único. Essa esteve presente na vida do filósofo de forma intensa e, para nós, serviu como cultivo de uma visão de mundo na qual não se poderia dispensar a relação íntima entre arte, vida, conhecimento. Junto com o problema musical que ocupava o jovem Nietzsche, não podemos descartar o papel da religião e pela primeira vez ocorre uma crítica mais mordaz na carta 301 a Gustav Krug em 27 de abril de 1862. Ela está entre as mais longas de toda esta fase juvenil, assim como aquela sobre a ópera e a música de oratório. Trata-se novamente de uma tentativa de elaborar pensamentos de forma mais adensada na qual emergem reflexões sobre a doutrina do livre arbítrio.

Somente se reconhecemos que nós mesmos somos os únicos responsáveis por nós mesmos, e que a reprovação de ter se equivocado na orientação que temos dado a nossa própria vida vale só para nós e não para qualquer poder superior, somente então, as ideias fundamentais do cristianismo são despidas de seu pretexto externo e se transformam em carne e sangue. O cristianismo é essencialmente um assunto do coração. Somente quando se torna carne em nós, quando se torna nossa alma mesma, o homem é um verdadeiro cristão. A principal doutrina do cristianismo expressa apenas as verdades fundamentais do coração do homem: são símbolos, como o supremo não pode ser nada além de um símbolo do que é, todavia, ainda mais alto. Chegar à beatitude através da fé não quer dizer outra coisa que a antiga verdade que só o coração, não o saber, pode fazer feliz. O fato de que Deus se tornou homem nada mais faz do que nos lembrar de que o homem não deve buscar sua beatitude no infinito, mas deve basear seu paraíso na terra; a ilusão de um mundo sobrenatural levava o intelecto humano a uma atitude errônea em relação ao mundo terreno; esse foi o produto de uma idade infantil dos povos. O espírito jovem e ardente da humanidade leva estas ideias com entusiasmo e profeticamente expressa o mistério, que ao mesmo tempo que se radica no passado se projeta para o futuro, que Deus se tornou homem. Entre difíceis dúvidas e lutas, a humanidade atinge a maioria: reconhece em si mesmo “o começo, meio e fim da religião”.

As concepções formuladas acima, compostas pelo jovem filósofo nas cartas, têm ressonância em toda a sua obra, que colocam como uma das já conhecidas faces de Nietzsche, como contumaz crítico da metafísica. Já em um dos seus textos da juventude, *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, de 1873, nos deparamos com este embate quando o filósofo problematiza a origem dos conceitos. Parte do exemplo da folha para contrapor a generalização epistemológica do conhecimento, que ignora a folha real e objetiva com a sua singularidade. A favor de formulações gerais que tentam abarcar a diversidade e complexidade das coisas específicas com conceitos globalizantes. O enfrentamento é direto com Platão, pois para Nietzsche não há uma precedência da *Ideia* folha sobre a sua existência real, mas o que ele propõe é o inverso, é a superação dessa ilusão:

Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a uma outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta então a representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo que fosse “*folha-em-si*”, uma espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recordadas, coloridas, frisadas, pintadas, mas por mãos inábeis, de tal modo que

nenhum exemplar tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da folha primordial.<sup>367</sup>

Na fase madura do seu pensamento, encontramos a crítica dessa concepção do mundo sobrenatural como ilusão em diversas obras como em *Genealogia da moral*, *O anticristo*, *Crepúsculo dos ídolos*. Nessa última, há várias formulações sobre este embate, como: “O mundo ‘aparente’ é o único: o ‘mundo verdadeiro’ é apenas um acréscimo mentiroso.” E ainda: “Não há sentido algum em fabular acerca de um ‘outro’ mundo além deste se não houver um instinto de calúnia, de amesquinamento, de suspeita em relação à vida nos dominando: nesse caso, nos vingamos dela com a fantasmagoria de uma ‘outra’ vida, de uma vida ‘melhor.’”<sup>368</sup> O filósofo propõe uma inversão do modo como a tradição platônica com as suas diversas influências, no cristianismo, por exemplo, interpretam o além como verdadeiro e o real como ilusório, a proposta nietzschiana é afirmar a *vida terrena*.

A reflexão contrária a uma fundamentação ultraterrena de mundo, presente em todas as fases da filosofia de Nietzsche, aparece, pela primeira vez nas cartas neste momento. Retomando a correspondência em análise, o texto aponta claramente para uma mudança de perspectiva; o jovem Nietzsche religioso, que em cartas anteriores manifestava expressamente a sua fé, começa a estabelecer críticas à religião. Mas não por causa de um mero inconformismo, desdém ou desprezo aos problemas por ela suscitados, mas a tensão entre religião e vida é o principal aspecto inquietante. O que Nietzsche denomina como a principal doutrina cristã - o livre arbítrio - compõe como pano de fundo uma negação da ação autônoma do ser humano. A crítica se relaciona com os fundamentos doutrinários da fé cristã e o modo desta situar o ser humano no mundo ou a maneira desse último se posicionar através de tal doutrina.

---

<sup>367</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, §1. Sobre *In: Os Pensadores*, Ed. Abril Cultural. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 1999.

<sup>368</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, §2 e §6.

A doutrina do livre arbítrio *é fruto da falta de confiança nas próprias forças*.<sup>369</sup> O homem só é um verdadeiro cristão quando as doutrinas nele se encarnam de tal modo, quando se torna uma unidade com elas, o que afigura a denominação de tal perspectiva religiosa como “assunto de coração”. Nietzsche apresenta a principal doutrina cristã como símbolo. A noção de que Deus se converteu em homem, ao invés de retirar o homem da terra, como propõe o equívoco de uma vida superior no infinito, denota que é aqui, no mundo terreno, o lugar onde se deve buscar a felicidade.

O destino de nossas vidas deve ser por nós traçado e não por qualquer suposto poder transcendente. O pretexto para o nosso destino, a orientação que traçamos para a nossa existência é responsabilidade exclusiva do indivíduo. Influenciado pela leitura de Feuerbach, filósofo do século XIX que elaborou, entre outros, o conceito de “autoalienação religiosa”, para quem, Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo: “A consciência de Deus é a consciência de si do homem, [...] Pelo seu Deus conheces o homem e, vice-versa, pelo homem conheces o seu Deus; é a mesma coisa”<sup>370</sup>. Mais adiante, no mesmo texto, afirma: “Deus é o interior revelado, o si-mesmo do homem expresso, a religião é o desvendamento festivo dos tesouros escondidos do homem, a confissão dos seus pensamentos mais particulares, a proclamação pública dos seus segredos de amor”<sup>371</sup>.

Leituras como estas foram fundamentais para o jovem Nietzsche elaborar a sua concepção de liberdade. Cria perspectivas próprias sobre a relação entre vida terrena e

---

<sup>369</sup> A concepção de livre-arbítrio é oriunda da tradição metafísica que compreende haver uma precedência divina no homem e quanto mais ele utiliza da sua “liberdade” para buscar o bem supremo, mais perto da Verdade está. Conforme Barrenechea (2008), neste contexto: “A “alma livre” para a tradição metafísica, deve afastar-se de todas as precariedades da terra, deve almejar a “volta’ àquele âmbito ideal”. Em *Assim falou Zaratustra* (2011) na primeira parte, Nietzsche alude a concepção de *fidelidade à terra*. Trata-se exatamente do inverso desta noção de liberdade fundada em princípios ultraterrenos, sendo o homem mais livre cada vez que se distancia do corpo, da vida, do mundo objetivo e concreto, ou seja, da *terra*. Acreditar nas próprias forças está numa inversão desta postura: “A terra é o lugar natural do homem que, curado dos delírios metafísicos, já não sonha em ser um espírito ou alma desencarnada, alheia ao mundo” (BARRENECHEA, 2008, p. 91).

<sup>370</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 22.

<sup>371</sup> *Ibidem*, p. 23.

vida transcendente. Acenando para a grandeza de indivíduos que valorizam as ações deliberadamente responsáveis sobre o mundo.

No intuito de acentuar a questão central deste trabalho que é avaliar aspectos que nos ajudam a identificar um processo de educação estética na vida juvenil de Nietzsche, destaquemos ainda três missivas: começemos pela carta 302 a Elisabeth Nietzsche em Dresden no final de abril de 1862, que trata da arte como formação. As orientações dadas à irmã indicam essa interpretação:

[...] Em Dresden está muito bom, você pode ficar lá esses meses! Acima de tudo, tente conhecer todos os tesouros artísticos de Dresden, para que também possa aproveitar este terreno. Você teria que ir uma ou duas vezes por semana para a pinacoteca, ou seja, para olhar para nada mais do que duas ou três pinturas de cada vez, mas com muita atenção, para ser capaz de fazer uma descrição detalhada (por carta, naturalmente) [...].

Eis uma correspondência importante na preocupação de Nietzsche com uma formação que não é apenas intelectual, quando propõe à irmã que aproveite adequadamente o espaço cultural no qual estava inserida. Apresenta a dica de que os quadros não deviam ser analisados apressadamente, por isso, deviam ser vistos, a cada visita dois ou três deles, com o máximo de atenção; embora o filósofo destaque o interesse estritamente particular de que a irmã detalhasse em carta as obras analisadas há uma evidente preocupação com a educação estética dela, manifesto no início desta carta, quando fala do proveito que ela deveria tirar, em um ambiente onde a arte propiciava crescimento, amplitude na visão de mundo.

Na carta 313, à mãe, em junho de 1862, vemos mais uma manifestação de proximidade com a arte; o trabalho de Nietzsche é premiado como a melhor poesia individual da classe. Ocorreria durante uma celebração ao dia de Fichte, trata-se da poesia “A morte de Ermanarico.” O texto aborda a postura do rei ostrogodo no qual com maestria ele exercita a sua busca de um estilo na escrita e já revela a sua interpretação bélica da vida, sendo um reflexo da própria potência da natureza que é desarmonia e tensão. A influência da mitologia e a interpretação do heroísmo como norte pedagógico move o filósofo neste escrito. Rüdiger Safranski sobre este trabalho comenta que, em julho de 1861, Nietzsche reconhece, estando na universidade, a qualidade deste texto

juvenil. Ele, segundo o biógrafo, escreve como um raio e cada palavra desta lenda germânica ocorrem com poder e densidade de significados.<sup>372</sup>

A carta 352 para Francisca Nietzsche em 27 de abril de 1863 aborda a importância da música. Nietzsche lamenta que, em um momento de enfermidade, não poder estar próximo dessa fundamental manifestação de arte: “Estou feliz por estar agora em uma habitação quente e de estar doente, agora que não perco a beleza da natureza. Que pena que neste momento eu não posso tocar piano, tudo parece morto quando eu não ouço música.” Posição semelhante será construída na frase elaborada anos depois “a vida sem a música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio”, em carta a Peter Gast em 15 de janeiro de 1888. *Tudo parecia morto quando não ouvia música*; essa confissão mostra que essa expressão artística fora algo indispensável em sua formação e estava diretamente associada a uma compreensão da vida pautada em princípios estéticos. Ao lermos estas primeiras cartas, percebemos que temos que nos confrontar com o próprio processo do filosofar de Nietzsche. Este, no seu caso particular, não só ocorria quando se estabelece um conceito preciso, original e dentro das cadeias de argumentação da tradição filosófica.

Parece que Nietzsche foi desde sempre um experimentador, conseguiu chegar aos seus conceitos principais após passar por um longo processo de construção de si mesmo. Ele foi gradativamente elaborando um modo de tornar pensável e, em alguma medida, interpretável o aspecto caótico da vida, sendo este o efetivo modo de existência de todas as coisas. O filósofo, como é comum a outros indivíduos, passou por um processo de maturação, de estudos, de acertos e erros e estas primeiras cartas evidenciam tal processo. A nossa hipótese, porém, é de que *o Zarathustra* é a principal síntese de todo este percurso. Manifestação que neste momento não era clara, mas entendemos que foi possível elaborar este personagem a partir de uma escolha por uma vida movida pela arte.

Neste texto o propósito foi analisar nas correspondências que Nietzsche trocou com diversos indivíduos a presença do problema filosófico da *educação* e da *arte*. Na

---

<sup>372</sup> Cf. SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

nossa avaliação, esses termos em destaque estão intimamente associados. Partimos das correspondências da juventude para analisar como, desde o período mais tenro de sua vida, o autor começa a estabelecer uma relação íntima com a arte e a formação humana. Nietzsche recebeu educação comum a todos os alunos de Pforta, mas ficou evidente que buscava adensar os seus estudos em outros campos do conhecimento. Predominava um interesse constante pela arte: o teatro, a literatura, a música, a pintura estiveram sempre presentes. Notamos que, nesta fase, as questões conceituais são menos elaboradas, embora tentamos mostrar o esforço do filósofo em refletir os temas da liberdade, da felicidade, da doutrina musical. E essas experiências foram, no nosso entendimento, cruciais para formar uma concepção de educação e de arte que mais tarde se adensará não apenas para uma formação tendo a arte como norte, mas de uma forma de vida que por si mesma se torna artística. Ela impulsiona a criação, a constituição de uma existência cuja primazia se baseia na busca da singularidade, na constituição de percursos que fogem da massificação e privilegia uma vivência na qual a criação do próprio destino seja o horizonte.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2014.

CUNHA, Maria Helena Lisboa da. *Nietzsche espírito artístico*. Londrina: Cefil, 2003.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. Trad: José da Silva Brandão: Campinas, Papirus, 1988.

GUERVÓS, L. E. de Santiago (ed.), *Nietzsche y la polémica sobre El nacimiento de la tragedia*, Ágora, Málaga, 1994.

JANZ, Paul Curt. *Friedrich Nietzsche*. 4 vols. Trad. Jacobo Muñoz. Madrid: Alianza, 1987.

KURY, Mario da Gama. *Dicionário da filosofia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*, Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 42

MARQUES, Antonio. “No fundo sou todos os homens da história”: *Nietzsche: Os vinte anos fundamentais a partir de suas cartas*. Círculo de Leitores, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen*. Edição organizada por Paolo D'Iorio, baseada na edição crítica de G. Colli e M. Montinari e publicada pela Nietzsche Source. Edição eletrônica. Acesso em 01/04/2020.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. In: *Os Pensadores*, Ed. Abril Cultural. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 1999.

\_\_\_\_\_. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sobre os nossos estabelecimentos de ensino. Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre educação (Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino: III Consideração intempestiva – Schopenhauer como educador)*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, 2. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Correspondencias I: Junio 1850 – Abril 1869. Traducción, introducción, notas y apéndices de Luis Enrique de Santiago Guervós, Editorial Trotta, Madrid, 2005.*

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. 18ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Correspondencia V Enero 1885 – Octubre 1887. Traducción, introducción, notas y apéndices de Juan Luis Vermal. Editorial Trotta, Madrid, 2011.*

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SAVELLI, Clara. *Nietzsche, Escritor*. In: *Nietzsche e as Cartas*. Org: Marina Gomes de Oliveira, Rosa Maria Dias, 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

SLOTERDIJK, Peter. *O quinto "evangelho" de Nietzsche*. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.